



Como nasce uma rainha? Notas autoetnográficas de um Processo de Subjetivação frente à Homofobia internalizada

José da Silva Oliveira Neto¹

Resumo: A homofobia internalizada é uma vivência comum ao longo do desenvolvimento de indivíduos homossexuais, e muitos são os cenários e os elementos mediadores que contribuem para seu estabelecimento em nossa dinâmica de vida. Frente a essa problemática, este estudo objetivou, através de uma abordagem qualitativa e autoetnográfica, compreender os elementos mediadores de homofobia internalizada em indivíduos homossexuais a partir da vivência do pesquisador. Usou-se como referência de análise os Estudos Decolônias e a Psicologia Histórico-Cultural de L. S. Vigotski, os quais, a partir dos sentidos produzidos na vivência do pesquisador como um homem gay, sinalizaram que: a) a autoetnografia é uma ferramenta potente para a investigação no campo da diversidade sexual; b) há fatores que podem cruzar ao desenvolvimento de homossexuais, ocasiando eventualmente adoecimento psíquico; e c) devemos investigar os fatores de proteção presentes na história de vida de indivíduos homossexuais a fim de fortalecer suas estratégias de resistência.

Palavras-chave: Homofobia internalizada. Autoetnografia. Processos de subjetivação.

How is a queen born? Autoethnographic notes on a Process of Subjectivation in the face of internalized Homophobia

Abstract: Internalized homophobia is a common experience throughout the development of homosexual individuals, and there are many scenarios and mediating elements that contribute to its establishment in our life dynamics. Faced with this problem, this study aimed, through a qualitative and autoethnographic approach, to understand the mediating elements of internalized homophobia in homosexual individuals based on the researcher's experience. The Decolony Studies and Historical-Cultural Psychology of L. S. Vigotski were used as a reference for analysis, which, based on the meanings produced in the researcher's experience as a gay man, signaled that: a) autoethnography is a powerful tool for research in the field of sexual diversity; b) there are factors that can intersect with the development of homosexuals, eventually causing psychological illness; and c) we must investigate the protective factors present in the life history of homosexual individuals in order to strengthen their resistance strategies.

Keywords: Internalized homophobia. Autoethnography. Subjectivation processes.

¹ Graduado em Psicologia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Especialista em Psicologia Clínica Histórico-Cultural pela Faculdade de Quixeramobim (UNIQ). Especialista em Sexualidade Humana pelo *Child Behavior Institute* (CBI) of Miami. Mestre em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC). Doutorando em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará. netooliveirapsi@gmail.com.

Introdução

A narrativa pessoal é um processo que não acontece de forma uníssona, mas que varia em conformidade com a experiência concreta de quem se narra. A depender dos elementos concretos que medeiam a vivência daquele e daquela que se propõe a uma autonarrativa, barreiras ou pontes podem se contrapor a essa tentativa. Existe uma lógica de autorização-silenciamento que viabiliza algumas vozes e escritas em detrimento de outras, dessa forma uma infinidade de experiências ricas e particulares são invisibilizadas, sendo-lhes renegada a possibilidade de serem lembradas, ou seja, de serem humanas.

Narrar-se não é uma experiência autorizada para todas as pessoas. De acordo com Spivak (2010), a experiência de colonização promoveu a construção de abismos de desigualdade social entre corpos. Estudos apontam que indivíduos que fazem parte de grupos minorizados costumam não se sentir autorizados para se posicionar de forma ativa diante da realidade e para narrar sua própria história (Nascimento, 2010). Nesse cenário de desautorização, a cultura ocidental considera a transmissão oral do conhecimento inferior à transmissão escrita (Santos, 2019). Oliveira e Porto (2016) aprofundam essa reflexão ao sinalizarem que grupos subalternizados historicamente, como homossexuais, costumam não acessar mecanismos formais de comunicação e de registro da experiência.

Pavelthcuk e Borsa (2019) sugerem que pessoas que fazem parte de grupos minoritários, tais como homossexuais, costumam cultivar uma vida de reclusão e dificuldade de espontaneidade nas relações sociais, porquanto se sentem pressionadas por um sistema de expectativas pautado na heterossexualidade como comportamento normativo da experiência humana. Nesse esteio de compreensão, Delgado *et al* (2016) aponta que, no geral, homens gays não se sentem seguros para se expressar livremente quanto à sua orientação sexual, uma vez que temem repressão, por exemplo, quanto a possíveis comportamentos que fujam à regra da masculinidade heterossexual ou ainda quanto a manifestações públicas de afeto, conduzindo a processos de silenciamento das vozes das pessoas que compõem esse grupo.

De acordo com Dutta *et al* (2021), falar é um processo potencialmente curativo e restabelecedor de autonomia, sobretudo para indivíduos que tiveram seu direito à expressão sistematicamente negado ao longo da sua história de vida. Apesar disso, somente alguns poucos estudos do campo da diversidade sexual apontam a potencialidade da autonarrativa como estratégia de enfrentamento a processos psicossociais de violação como a homofobia e a

homofobia internalizada (Soares, 2017). Aqui, entende-se por autonarrativa o conjunto de possibilidades de expressão mediante as quais uma pessoa outorga a si a produção dos sentidos da sua história (Fernández *et al*, 2021).

Contribuições mais contemporâneas no seio da Psicologia apontam para a estruturação de práticas profissionais e de pesquisa que refletem a necessidade de o subalterno produzir sua própria narrativa (Castro; Mayorga, 2019; Pavón-Cuéllar, 2021). Assim, caminhos metodológicos têm sido pensados para mediar processos psíquicos mais autônomos, sinalizando a possibilidade de uma organização pessoal e de vida que aponte para além das reificações históricas. A fim de avançarmos nessa perspectiva e suprir lacunas importantes dentro da área de diversidade sexual, propusemos um estudo autoetnográfico acerca das vivências de homofobia internalizada.

Método

Este texto se trata de um estudo qualitativo. Como expõe Yin (2016), a pesquisa qualitativa objetiva a descrição de processos em sua singularidade e minuciosidade, atentando-se para a forma como as partes que compõem o todo se relacionam entre si e como elas, nessa relação, afetam-se e se expressam. Além disso, este texto se insere dentro de perspectivas etnográficas e, de modo mais específico, autoetnográficas. De acordo com Rocha e Eckert (2008), a etnografia é um método de pesquisa que privilegia o olhar e a escuta em direção à alteridade, àquilo que é estranho, de modo que o pesquisador apesar de estar na postura de quem conhece, mistura-se na vivência com o campo para conhecê-lo e aprofundar-se nas suas leis particulares de funcionamento.

Por sua vez, a autoetnografia é uma estratégia de pesquisa que permite ao pesquisador ou à pesquisadora refletir acerca da realidade tomando seu corpo e sua própria história como fontes e canais de conhecimento válido (Versiani, 2002). Neste estudo em específico, as vivências do pesquisador, que é um homem gay, negro e periférico, relacionadas ao que a literatura chama de homofobia internalizada, serão tomadas como espaço político-pessoal de reflexão.

Este estudo autoetnográfico é parte de uma dissertação de mestrado que buscou analisar as relações entre colonialidade e homofobia internalizada, intitulada “Relações entre colonialidade e homofobia internalizada: um estudo com jovens universitários brasileiros”. Ancorada no arcabouço teórico-metodológico dos Estudos Decoloniais e da Psicologia

Histórico-Cultural, este estudo especificou objetivou compreender os elementos mediadores de homofobia internalizada ao longo da trajetória do pesquisador, possibilitando, assim, compreender o impacto da homofobia internalizada na construção da personalidade de jovens homossexuais brasileiros. Os relatos autoetnográficos foram divididos em três momentos, a saber: a) A homofobia não escolhe idade; b) “Você é a aparência do mal!”; e c) Fatores de proteção frente à homofobia internalizada.

A homofobia não escolhe idade

Eu tenho uma memória turva, eu tinha por volta de cinco ou seis anos de idade e estava na escola. Como de costume, as aulas eram compostas por jogos e brincadeiras. Eu me lembro de que sempre tive um forte interesse por elementos mais próximos do que reconhecemos tradicionalmente como feminino. Assim, nas atividades com meus colegas de turma, eu preferia, por exemplo, brincar de boneca ao invés de brincar de carrinho.

Castanho (2013) nos explica que gênero não pode ser tomado como uma realidade natural; ao invés disso, deve ser encarado como uma convenção social. Nesse sentido, aprendemos a ser masculinos e femininos em nossos processos de aprendizagem na cultura, ainda que nem todos nós consigamos corresponder a certas expectativas de gênero.

Era o fim da aula, estava aguardando minha mãe chegar a fim de me levar para casa. Eu estava aguardando brincando de boneca com um colega. Não tenho memória de como, mas, de alguma forma, eu já sabia com essa idade que não deveria estar brincando de boneca, pois era coisa de menina; assim, eu sentia um misto de felicidade e medo. Ceará e Dalgalarro (2010) são enfáticos ao mostrarem como um padrão de vida ansioso e emocionalmente instável pode ser deflagrado em uma pessoa a partir da exposição sistemática à homofobia. Sensações como essas da minha infância foram comuns a diversos outros momentos da minha vida: preocupação, medo e ansiedade não são emoções estranhas à vivência de gays e lésbicas em uma teia social regida pela homofobia.

Quando minha chega à escola, eu estava muito concentrado na brincadeira com as bonecas e, assim, não me apercebi enquanto ela se aproximava. Quando me dei conta, ela já estava diante de mim, meneando a cabeça de um lado para o outro e fazendo sinais de reprovação. Eu lembro também que meu colega ficou muito assustado quando percebeu que se tratava da minha mãe, talvez porque temesse ser delatado também. Quando tento linearizar

minha memória, talvez essa seja a primeira experiência da minha vida em que eu senti profundamente que quem eu era estava em dissonância com as expectativas sociais.

Como a homofobia está na base da vida social (Borrillo, 2015), a experiência com minha mãe não seria a última experiência de homofobia. Eu me lembro de um dia na escola, por volta dos meus oito anos de idade: estávamos no intervalo, era uma escola evangélica, com poucos alunos. Eu costumava brincar e passar meu intervalo/recreio com as meninas. Ao longo de alguns dias, criamos uma brincadeira: eu entrava no banheiro masculino como “Netinho” – era assim que me chamavam na época – e saía como “Netinha”.

Brincamos assim por alguns dias, até que, uma professora veio de encontro a mim me advertindo que poderia ser que “desse algo no meu coração e eu, de fato, quisesse ser”, essas foram as exatas palavras. De acordo com Baker (2013), cada uma dessas experiências desumaniza os indivíduos envolvidos nessa relação, uma vez que tanto embrutece o agressor como a vítima, implicando no desenvolvimento de pessoas inseguras e com dificuldade de estabelecer relações transformadoras frente à realidade. A homofobia é um processo psicossocial de violência que não escolhe idade (Araújo, 2021),

Essas situações exemplifica a tentativa de que eu mesmo não pudesse agenciar meu próprio corpo. Outro fator curioso que emanou daquela situação foi o aprendizado que a homossexualidade é algo que brota, que é algo “que dá no coração”. Estudos mostram que a ideia de que a homossexualidade não é algo natural, mas sim da ordem de uma aprendizagem social desvirtuada, é um dos pilares para a nutrição e a manutenção de práticas de preconceito e discriminação contra gays e lésbicas (Costa *et al.*, 2017).

A homofobia internalizada é a forma interiorizada ou subjetiva da violência homofóbica com a qual lidamos diariamente, a forma social incorporada aos pensamentos, às emoções e aos comportamentos da pessoa (Antunes, 2017). Como nasce a homofobia internalizada? Nas práticas cotidianas; às vezes, quando todos estão vendo (como na situação com minha mãe na escola ou com a professora, por exemplo); às vezes, quando ninguém está vendo (quando não nos vemos presentes em novelas e filmes, acreditando a partir desses contatos que não somos possíveis e reais). Penso também que a experiência da homofobia internalizada medeia uma profunda sensação de alienação e isolamento subjetivo. De acordo com Hardin (2000), há um processo de ocultamento da homossexualidade da vida social, assim não é raro que gays e lésbicas não se vejam representados nos cenários sociais, levando-nos a acreditar que estamos sozinhos e solitários em mundo que não nos aceita.

Além da vivência escolar da homofobia, tais práticas de opressão me acompanharam em outros espaços também ao longo da minha infância e da minha adolescência: a rua sempre foi um espaço de muita descoberta na minha vida, sobretudo durante a infância. Nesse entre-lugar, eu tinha encontros com amigos, me implicava em brincadeiras que demandavam imaginação e me via também em jogos que me permitiram, ainda que de forma muito primitiva, compreender que eu não me interessaria eroticamente por meninas.

Como disse, a rua nem sempre me trouxe encontros potencializadores. Eu me lembro de que, mesmo em momentos do meu ciclo de vida em que eu não tinha consciência da minha performance de gênero e da minha orientação afetivo-sexual, meus pares de rua já notavam algo que era divergente. Assim, não era raro escutar deles interpelações como “viado”, “viadinho”, “bixa”, “princesa” etc.

De acordo com Hardin (2000), a identidade de gays e lésbicas se dá mediante o reconhecimento negativo do outro, o que se significa, em último termo, que antes de nós, gays e lésbicas, sabermos integralmente quem somos, entendermos nossos interesses afetivo- sexuais e compreendermos as implicações de sermos dissidentes da heterossexualidade em um mundo heteronormativo, somos informados pelos outros de que existe algo de muito errado conosco: com nosso comportamento, nossos trejeitos e nossa tonalidade de voz (para quem vivencia essa experiência); com a forma como nosso afeto e nosso desejo se movimenta; e com cada um dos nossos interesses.

Vigotski (1994) nos ensina que a constituição do ser humano é social. Com relação a essa afirmação, dois elementos precisam ser explicitados: 1) é social porque tem na história das relações sociais plataforma e cenário; 2) é social porque se dá na Inter pessoalidade, ou seja, na relação que nós estabelecemos com a cultura e com seus instrumentos, bem como com nossos pares seres humanos. Assim, reafirmo que falar sobre desenvolvimento humano é realizar uma análise dos fatores mediadores presentes na dinâmica de vida das pessoas. Quando falamos de gays e lésbicas, estamos falando necessariamente da homofobia, a qual em sua forma internalizada me parece funcionar como uma concha acústica dos episódios e cenários de violência homofóbica que atravessamos.

Uma última cena: eu estava transicionando dos anos iniciais para os anos finais do Ensino Fundamental. Eu me lembro de estar muito empolgado com as novas pessoas que eu iria conhecer e com os conteúdos que eu poderia aprender, só não estava inteirado de que era muito provável que a homofobia do espaço escolar iria me acompanhar. Apesar de a homofobia

ser uma realidade em ambas as escolas, na primeira escola, eu tinha algumas relações de proteção. Lembro, por exemplo, que, na segunda e na terceira série, tive uma professora que não admitia agressões homofóbicas, o que contribuía para uma maior sensação de segurança (Baker, 2013). Na nova escola, eu não conhecia ninguém. Eu tenho memória de que foi muito rápida a percepção por parte de alguns adolescentes quanto a meu comportamento divergente e, assim. Foram muitos os xingamentos e palavras utilizadas para denunciar negativamente o que mais tarde eu viria a entender como minha orientação afetivo-sexual.

As palavras não são vazias de significado. Pelo contrário, a palavra é um cenário de disputas sociais, porquanto nelas podemos encontrar sínteses históricas de processos que foram socialmente convencidos. Para além dessa dimensão cognitiva que a palavra carrega, Vigotski (2008) discute que elas também são impregnadas de afeto, o que as faz potenciais mobilizadoras de sentidos, afetando, assim, a maneira como nos narramos e nos apropriamos da nossa história. Nesse sentido, apontamos o quanto que a auto narrativa é um processo revolucionário, porquanto permite o subalterno falar sobre quem ele é (Spivak, 2010).

“Você é a aparência do mal!”

Ser evangélico e fazer parte de uma comunidade religiosa fizeram parte da minha vida. Já compartilhei que a partir dos meus seis anos de idade comecei a estudar em uma escola próxima ao meu bairro a qual era protestante, assim, todos os dias, antes de entrar para as salas, fazíamos filas, as quais eram organizadas por turmas. Cotidianamente, cantávamos alguns louvores e orávamos, agradecendo a Deus e lhe pedindo coisas. No Brasil, é complexa a relação que se estabelece entre Estado e Religião, de modo que, ainda que tenhamos uma constituição que nos garante uma educação laica, é comum vermos escolas orientadas por valores religiosos específicos, sobretudo cristãos (Cunha, 2009).

Em dada feita, foi feito um convite por parte da coordenadora: “Quem gostaria de aceitar a Jesus?”. Ora, de forma muito “natural”, lembro que todas as crianças levantaram suas mãos, afinal somos ensinados desde pequenos e pequenas que Deus é bom e que, fazendo uma alusão às histórias em quadrinho que nós lemos e aos filmes a que assistimos, ele é o super herói, pronto para vencer as forças do mal. Eu tenho uma imagem muito nítida daquele dia, o dia em que eu aceitei a Jesus.

Muito cedo, comecei a frequentar uma igreja, uma Assembleia de Deus, que se caracteriza, dentro das igrejas protestantes brasileiras, como uma igreja pentecostal, o que significa uma baixa abertura à diversidade sexual e de gênero (Machado, 2013). Até hoje, lembrar-me desse espaço me evoca memórias negativas acerca da minha experiência com minha sexualidade, ainda que tenha tido boas experiências ao longo do processo. É importante principiar por eventos sem muito impacto psicológico imediato, mas que a longo prazo, produziram profundas crenças disfuncionais acerca da homossexualidade: exposição ano após anos aos sermões da igreja da qual eu participei dos meus sete anos de idade até os dezenove.

Borillo (2015) nos lembra de que as religiões de matriz judaico-cristã acreditam profundamente que qualquer conduta sexual fora da heterossexualidade não são morais, de forma de que experiências como homossexualidade figuram como pecado. Em minha vivência, não era raro que, em meio às pregações, escutasse pastores gritando que homossexualidade era pecado ou que ser gay era abominação. Foram anos escutando que havia algo de errado comigo, o que foi sendo aos poucos internalizado sem sequer eu ter consciência de quem eu era.

Vigotski (2010) explica que, sobretudo durante a nossa infância e adolescência, mudanças importantes na forma como nos relacionamos com nós mesmos e com o mundo acontecem de modo que nossos interesses, motivações e necessidades são construídos na relação com o social. De acordo como autor, vivemos períodos sensíveis do nosso desenvolvimento. Assim, a depender da qualidade dos fatores mediadores que atravessam a constituição do nosso psiquismo, poderemos ter uma identidade alienada e resignada.

Nesse esteio de compreensão, Cerqueira-Santos *et al.* (2016) apontam que gays e lésbicas com maior envolvimento religioso cristão costumam também ter maiores índices de homofobia internalizada. Foram muitos os textos bíblicos com os quais eu fui tendo contato e que foram me confirmando o que quanto eu precisava mudar. Na minha adolescência, eu comecei a ler a Bíblia e passei a me deparar, agora na experiência da leitura, com os textos condenatórios da homossexualidade transmitidos a mim via oralidade. Talvez, lá no fundo, eu quisesse atestar se ser gay era pecado mesmo. Um dos textos me foi muito emblemático: “Não se deite com um homem como quem se deita com uma mulher; é repugnante (Levítico 18:22). Lembro que, adolescente, ao me deparar com o texto foi como se, de fato, me fosse imposta uma sentença.

Todos esses discursos construíram minhas vozes internas, de modo que cresci com sensações de medo e de alarme frente a quaisquer situações que me sinalizassem a

homossexualidade, e elas, naturalmente, aconteceram. Para além das vozes internalizadas, as quais foram regulando meus pensamentos, meus comportamentos e minhas emoções, forças (opressões) externas também se somaram a esse cenário psicológico ocorre-me, por exemplo, que, em uma peça da igreja sobre a criação do mundo na qual eu precisava interpretar Adão, pude ouvir algumas vozes que repetiam em alto e bom som que eu estava mais parecido com Eva. Por vezes, sendo abordado por outros meninos da igreja, era-me cobrado constantemente que eu começasse a namorar (com meninas) para eu me parecer mais com “um homem de Deus”, uma vez que, na interpretação deles, um homem de Deus não poderia ser feminino na sua expressão de gênero.

Mas a adolescência passou, e novos processos pessoais aconteceram, como passar na faculdade. Aos dezoito anos, fui aprovado no vestibular para o curso de Psicologia da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Coelho e Barros (2021) apontam que a experiência com a universidade pode ser transformadora na forma como gays e lésbicas se veem e performam sua sexualidade. O primeiro ano do curso de Psicologia na UECE foi fundamental para que, em contato com teorias críticas, eu começasse a produzir as primeiras rupturas com perspectivas acríticas e desestoricizadas do protestantismo tradicional. Com tudo isso em vista, decidi mudar de igreja.

Mudei de uma igreja mais fechada para uma igreja, na minha perspectiva, mais aberta e moderna. Pois bem, já fazia por volta de cinco meses que eu estava nessa nova igreja, já estava inserido no departamento de música, cantando praticamente em todos os cultos. Aquele dia era uma noite ordinária, havia cumprido com meus serviços de culto; após o culto, como de costume, eu e outros jovens nos reunimos para conversar um pouco. Nessa situação duas mulheres me abordaram para conversar sobre o que meu comportamento e voz mais femininos estavam denunciando: uma possível homossexualidade. Foi quando eu escutei uma frase que mudaria tudo dentro de mim: “Neto, você é a aparência do mal!”.

Este foi um daqueles momentos de filme em que você escuta um zumbido no ouvido, desfoca dos demais estímulos externos e se fixa naquilo que lhe foi dito. Eu me senti atordoado com essa frase. Durante esta partilha em forma de texto, paro e reflito em possíveis porquês: é muito provável que eu tenha me sentido sem chão – esta é uma excelente expressão para descrever como me senti – tendo em vista toda a energia que eu investia para me afastar do destino abominável que era a homossexualidade. Em outros termos, o que eu escutei foi: “Não

importa o quanto você se esforce, nós sempre iremos te odiar!”. Lágrimas me sobem aos olhos e meu corpo se arrepiava enquanto escrevo.

Os próximos dias e meses foram marcados por dois processos concomitantes: 1) o desinteresse e desânimo para ir à igreja; e 2) uma reorientação do meu desejo no sentido de querer explorar minha sexualidade. Eu já estava no terceiro semestre do curso de Psicologia na UECE, e me lembro de estar tendo disciplinas como Psicologia Social, Antropologia Cultural e Sociologia aplicada à Psicologia, as quais, na visão de alguns, podem ser reais venenos para as construções homofóbicas que me haviam sido ensinadas até então. Mas, para mim, esse conhecimento foi remédio.

Santos (2019) afirma que o conhecimento, quando sistematizado de forma crítica emancipadora, pode contribuir para o estabelecimento de relações transformadoras do indivíduo frente às reverberações da colonialidade. Assim, é no movimento ativo de transformação da realidade que podemos galgar níveis de consciência que nos permitam romper com os limites estruturais de uma sociedade desigual e normativa. No meu caso, tendo acesso a essas reflexões e mediações críticas, pude principiar no caminho de deixar de ser uma *abominação* para ser uma *rainha*.

Fatores de proteção frente à homofobia internalizada

Ter relações emocionais significativas e ter acesso a contextos ecológicos que potencializam a vida não são experiências comuns a gays e lésbicas. Apesar dos fatores mediadores de homofobia internalizada ao longo da minha história de vida, não posso deixar de reconhecer elementos que me foram promotores de saúde. Algumas pesquisas apontam que a triangulação da pessoa homossexual com fatores de risco e de proteção é fundamental para que compreendamos os desfechos que a homofobia internalizada tomará na dinâmica de vida daquela pessoa, inclusive em termos dos desfechos em saúde mental (Natarelli, 2015).

Minha relação com minha mãe teve muitas camadas, a maior parte delas positivas e pouquíssimas despotencializadoras. São muitas as memórias de situações em que me senti *afagado*, *defendido* e *apoiado* ao longo do meu desenvolvimento, inclusive no que diz respeito ao processo de descoberta e de reconhecimento da minha orientação afetivo-sexual. Pesquisas apontam que cuidadores que possuem maior abertura à diversidade sexual conseguem oferecer

um ambiente mais acolhedor para crianças homossexuais (Rosa *et al.*, 2016). Quando o assunto era minha mãe, eu tinha a sensação de ter uma parceira.

Conforme mencionei anteriormente, amparado em Baker (2013), existem crianças que não desempenham seus comportamentos em conformidade com as expectativas de gênero e de sexualidade. Eu sempre me encaixei e me interessei no e pelo universo tradicionalmente associado ao feminino. Lembro-me de, nos contatos com a vizinha que minha mãe tinha, descobrir o bordado e a costura, de modo que me interessei profundamente por aprender. Minha mãe assentiu permitindo que eu aprendesse, mas, ao mesmo tempo, sinalizando que meu pai não poderia saber e que eu deveria praticar em horários em que ele estivesse no trabalho. Se, por alguma razão, ele chegasse mais cedo, era comum minha mãe tentar entrar em casa primeiro para me avisar e advertir que deveria guardar os materiais rapidamente.

Ortiz-Hernández (2005) descreve a experiência de se comportar fora das expectativas sociais de gênero como transgressão dos estereótipos de gênero (TEG). Estudos que foram efetuados no sentido de averiguar a relação entre sexualidade e estereótipos de gênero apontam que contextos homofóbicos podem ser estressores para indivíduos que não se comportam a partir da matriz de masculinidade e feminilidade heterossexual. Apesar disso, pude encontrar na relação afetiva com minha mãe um lugar de proteção e descanso. Parecia que ela sempre estava presente quando necessário; na verdade, a sensação que eu tinha é que ela ia além do necessário, preenchia todos os espaços com muita atenção e cuidado, como quando sofri bullying na escola durante o sexto ano dos anos finais do fundamental.

Nesse movimento de cuidado comigo, ela sempre se preocupou com minha educação formal, com as escolas em que eu iria estudar e com as oportunidades às quais eu teria acesso. Nós vivíamos uma situação social muito contraditória quando paro para avaliar: ao mesmo tempo em que morávamos em uma comunidade de alto risco de Fortaleza, sendo, assim, expostos à violência policial e do crime, a menor acesso à saúde pública e ao estigma relacionado a morar em uma periferia, minha mãe conseguia me prover acessos educacionais. Acredito que, preocupada com o cenário em que estávamos imersos, minha mãe sempre tentou me afastar dele, reforçando, por exemplo, minha conexão com a igreja protestante e matriculando-me em escolas particulares, as quais, segundo ela, afastavam-me da convivência com pares que poderiam ser fator de risco para meu envolvimento com a criminalidade, por exemplo.

É nesse contexto de investimento e produção de sentidos sobre o papel da educação, em que eu chego ao curso de Psicologia da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Como já

destacado anteriormente, na minha experiência, a universidade foi uma mediadora de processos de transformação da minha consciência acerca da diversidade sexual, tanto no que diz respeito aos conhecimentos e conceitos subjacentes à área como no que diz respeito à revisitação da minha própria experiência como um homem gay. Paralelamente à violência homofóbica no cenário religioso a qual eu estava sofrendo na época, eu estava entrando em contato com um conjunto de teorias e ideias que punham em xeque as concepções e noções que, até então, eu tinha formadas sobre a homossexualidade.

Essas construções, como coloca Borrillo (2015), não são somente subjetivas, ou seja, não brotam do nada na percepção da pessoa sobre o mundo, mas são resultado de fatores multideterminados na história social, que resvela sobre a história individual. Assim, na universidade, além do contato cada vez maior com teorias críticas sobre a diversidade, tive também acesso a pessoas com performances que transgrediam as expectativas tradicionais de gênero. Deparei-me, por exemplo, no curso de Psicologia, com um colega que ia para as aulas de saia. Eu me lembro de que, quando o vi pela primeira vez, não entendi do que se tratava, fiquei confuso a ver a mistura do masculino com o feminino. Pesquisas apontam que dois são os principais fatores que contribuem para a redução de condutas homofóbicas, a saber: o acesso ao conhecimento científico sobre o tema e a convivência com pessoas LGBT (Dessunti *et al*)

O conhecimento cumpriu um papel fundamental na reconfiguração da forma como eu me relacionava comigo mesmo e com a homossexualidade no geral. Intensificando-se os processos de preconceito e discriminação – e enfraquecendo-se o interesse por continuar em uma igreja homofóbica –, comecei a procurar materiais que falassem sobre experiências gays e lésbicas, sobretudo gays, considerando o tensionamento que estava vivendo com minha própria identidade. Esses materiais variaram desde conhecimento científico tradicional (livros, artigos, congressos e afins) até formatos menos formais, tais como filmes, vídeos no Youtube etc.

Um filme e dois vídeos do Youtube foram importantes nessa caminhada, acredito que pelo fato de terem me encontrado nesse período mais crítico da violência na igreja: 1) “Orações para Bobby”, um filme de Russel Mucalhy, que retrata a vivência de um jovem de família cristã-protestante, o qual se descobre gays em meados das décadas de 70/80 nos Estados Unidos; 2) “Imagine um mundo no qual ser gay é normal e ser hétero é estranho”, um vídeo disponível no Youtube que trata da homofobia estrutural e do seu impacto na saúde mental de gays e lésbicas, promovendo uma inversão dos processos de preconceito e discriminação; e 3) “Não sou nem

curto afeminados”, um vídeo produzido no Youtube pela *drag queen* Lorelay Fox, o qual retrata a violência sofrida por homens que não correspondem às expectativas normativas de gênero.

Lembro que, de certa forma, era chocante deparar-me com artigos e livros que me diziam que não havia nada de errado com a homossexualidade, mas sim com o contexto homofóbico. Era-me dito o oposto: o problema estava em mim, eu precisava adaptar cada desejo, fantasia, comportamento e perspectiva. Textos como “Homofobia: história e crítica de um preconceito”, de Daniel Borrillo, e “Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista”, de Guacira Lopes Louro, foram grandes pontapés e estimuladores para uma compreensão mais crítica e ampliada por minha parte sobre diversidade sexual. Nesse sentido, convém lembrar que é fundamental que as pessoas tenham acesso precoce a informações corretas sobre vivências LGBT (Coppete; Fleuri, 2012).

Por fim, cabe partilhar como a arte, para além do acesso a filmes e outras produções audiovisuais, fez parte (e tem feito parte) em meus processos de resistência frente à homofobia internalizada. Passados alguns semestres do curso de Psicologia, eu já tinha rompido com minha igreja de referência, que tinha um carácter tradicional e homofóbico, e incorporado novas concepções sobre ser gay, permitindo-me à vivência dos meus afetos. Assim, já me encontrava mais aberto também para algumas experimentações que envolvem a transgressão das fronteiras de gênero.

Nesse momento, eu já tinha entrado em contato também com elementos da cultura gay, como coletivos, música e art *drag*. O *drag* é uma experiência artística na qual a pessoa que o performa brinca e rompe com as fronteiras de gênero estabelecidas no cotidiano normativo de gênero; assim, nessa experiência, mulheres e homens podem performar e exagerar suas noções internalizadas sobre ser homem e ser mulher, sobre o que é masculino e sobre o que é feminino, aprendidas no contato com os aprendizados sociais acerca do gênero (Chidiac; Oltramari, 2004). A esta altura, por volta do quarto semestre da faculdade de Psicologia, eu já estava em contato com essa modalidade de arte. Aliás, já a tinha performado até, e mais uma vez aparece muito forte a figura da minha mãe.

No movimento de ruptura com os ideais da igreja tradicional, eu me filei a uma comunidade protestante inclusiva/pluralista. Natividade (2017) define igrejas inclusivas ou pluralistas como espaços de profissão de fé que enxergam e atuam com a diversidade sexual a partir de uma perspectiva outra que não a do pecado e da imoralidade. Nessa época de inserção e envolvimento com a referida instituição, organizaram um evento chamado “Chá Rosa”, que

tinha basicamente o objetivo de celebrar o “Dia Internacional da Mulher”, para o qual eu fui convidado a fim de performar como *drag queen*, uma vez que eu era do departamento de música da igreja e cantava. Assim, aceitei performar como drag queen cantando.

Foi muito novo esse movimento, uma vez que eu não tinha uma persona drag formada. Fui pensar sobre tudo, escolhi um nome: Stacey Oliver – o primeiro nome porque me conectava com a meiguice e a doçura com as quais a imagem feminina me foi apresentada na figura da minha mãe, e o segundo sendo uma forma “americanizada” do meu sobrenome, “Oliveira”. Há afetos muito positivos enquanto detalho esse processo, pois me lembro de que minha mãe me ajudou a comprar peruca, vestido, sapato etc. e, juntamente com uma tia, foi ver minha apresentação, explanando vários elogios. Esta, entretanto, não é a experiência por que passam a maior parte de gays e lésbicas. De certo, a relação com minha mãe foi um fator protetor para uma vivência mais integrada da minha sexualidade e da minha expressão de gênero. E, assim, nasce uma rainha! Stacey Oliver começou a aparecer em outros cenários, como a universidade, em trabalhos das mais variadas disciplinas do curso de Psicologia na UECE; no meu Instagram profissional, o @desconstroipsi, conversando com as pessoas e as psicoeducando sobre diversidade sexual e de gênero e saúde mental etc.

Tornar-se uma rainha, entretanto, é uma experiência muito dolorida, pois significa, dentro dos limites concretos em que vivemos, superar discursos homofóbicos internos sobre quem somos e rebater as mensagens homofóbicas com as quais nos deparamos dia após dia. Eu entendo que deve haver uma infinidade de rainhas por aí despotencializadas na sua trajetória de vida e na sua narrativa, machucadas pelos alvejamentos que tomam formato e contorno na homofobia internalizada. Há fatores, entretanto, com os quais podemos contar para melhor lidar, como o conhecimento científico, inserção em grupos com semelhantes e a arte, por exemplo, os quais nos permitem e nos levam a criar potência com muito pouco, com o que nos resta após os golpes sistemáticos da colonialidade.

Conclusão

Como nasce uma rainha? Diríamos que de muitos processos de resistência frente às feridas geradas pela homofobia internalizada em um funcionamento colonial e moderno que objetiva dirimir as diferenças ontológicas entre as pessoas, na tentativa de resigná-las à imagem do homem branco, europeu, heterossexual, masculino, cisgênero e cristão. Não é um processo

simples se tornar uma rainha nesse contexto, pois os determinantes e as barreiras sociais interpostas em nossa trajetória de autorreconhecimento são inúmeras. Percebê-los e, em seguida, atuar ativamente frente a eles exige um conjunto de condições, inclusive, concretas, que não estão disponíveis a todas as pessoas, e isso pelo processo de aprofundamento das desigualdades sociais no capitalismo, no colonialismo e no patriarcado.

Ao longo do desenvolvimento, gays e lésbicas vivenciam experiências promotoras de homofobia internalizada. Pensando em uma realidade social que se organiza a partir de ideias como “homossexualidade é antinatural” ou “homossexualidade é pecado”, é inevitável que homossexuais aprendam a lidar consigo mesmos de uma forma não saudável. Obviamente, apesar desse assoalho comum, a experiência de ser gay ou lésbica não é igual para todos tendo em vista os fatores de risco e de proteção específicos à história de vida e aos contextos microsociais em que estão envolvidos. Nesse sentido, a fim de que garantamos um desenvolvimento mais saudável para gays e lésbicas, é necessário que a homofobia internalizada e os fatores de risco associados a ele sejam combatidos.

A autoetnografia se provou neste estudo uma estratégia de pesquisa efetiva no que disse respeito a permitir o aprofundamento acerca de processos singulares que podem levar a níveis mais agudos de homofobia internalizada. Apesar de a experiência analisada, a saber, a relação que o pesquisador estabeleceu e estabelece com a homofobia internalizada não ser generalizável, ou seja, não traduzir a experiência de cada indivíduo homossexual no mundo, o registro autoetnográfico permitiu o detalhamento em zonas de sofrimento emocional importantes, cuja descrição pode atuar para a construção de estudos que explorem outras facetas dessas dimensões. Ademais, esta ferramenta de pesquisa produziu assemelhamento de experiências, ampliando, ainda que minimamente, a partilha de conhecimento forjado em um corpo subalterno com pessoas heterossexuais e não heterossexuais.

Por fim, concluímos que a fala sobre si tem um poder reestabeecedor e curativo, possibilitando reorganização dos nossos processos cognitivos e afetivo-emocionais e talvez este seja o motivo para o movimento de apagamento sistemático das vozes subalternas na modernidade-colonialidade: distantes da intenção de propor uma solução subjetivista, mas reconhecendo a fala de si como um dos caminhos necessários nesse processo de desobediência colonial, reconhecemos que aqueles que falam – e falam sobre si – produzem um contra conhecimento, o qual, por sua vez, desafia com gana os limites impostos pelo colonialismo e pela colonialidade na modernidade.

Referências

ANTUNES, Pedro Paulo Sammarco. **Homofobia internalizada**: o preconceito do homossexual contrasi mesmo. São Paulo: Annablume, 2017.

BAKER, Jean M. **How homophobia hurts children**: nurturing diversity at home, at school, and in the community. Routledge, 2013.

BORRILLO, Daniel. **Homofobia**: história e crítica de um preconceito. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

CASTANHO, William Glauber Teodoro. Nem sempre foi assim: uma contribuição marxista ao reconhecimento da união homoafetiva no STF e à autorização do casamento lésbico no STJ. 2013. **Dissertação** (Mestrado em Direitos Humanos) - Faculdade de Direito, Programa de Pós-Graduação em Direito, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/2/2140/tde-24122013-233719/publico/DISSERTA_CAO_WILLIAM_GLAUBER_TEODORO_CASTANHO.pdf.

CASTRO, Ricardo Dias de; MAYORGA, Claudia. Decolonialidade e pesquisas narrativas: contribuições para a Psicologia Comunitária. **Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais**, [S.l.], v.14, n.3, p.1-18, 2019. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082019000300011

CEARÁ, Alex de Toledo; DALGALARRONDO, Paulo. Transtornos mentais, qualidade de vida e identidade em homossexuais na maturidade e velhice. **Archives of Clinical Psychiatry**, São Paulo, v.37, n.3, p.118-123, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-60832010000300005>

CERQUEIRA-SANTOS, Elder. *et al.* Homofobia internalizada e religiosidade entre casais homoafetivos. **Trends in Psychology**, [S.l.], v.25, n.2, p.691-702, 2016. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/estudoslibertarios/article/download/56330/30966/160037>

COELHO, Gilson Gomes; BARROS, João Henrique Oliveira. A “saída do armário” de homens cis gays: uma revisão sistemática de produções brasileiras. **Sociedade em Debate**, [S.l.], v.27, n.1, p.150- 165, 2021. DOI: <https://doi.org/10.47208/sd.v27i1.2826>

COPPETE, Maria Conceição; FLEURI, Reinaldo Matias; STOLTZ, Tania. Educação para a diversidade numa perspectiva intercultural. **Revista Pedagógica**, [S.l.], v.14, n.28, p.231-262, 2012. DOI: <https://doi.org/10.22196/rp.v14i28.1366>

COSTA, Ângelo Brandelli *et al.* Preconceito contra gênero e diversidade sexual e de gênero em uma universidade pública brasileira: prevalência, o seu reconhecimento, e os efeitos da educação. *In*: MACHADO, Frederico Viana; Barnart, Fabiano; Mattos, Renan de (Orgs.). **A diversidade e a livre expressão sexual entre as ruas, as redes e as políticas públicas**. Porto Alegre: Rede UNIDA, 2017.p.97-106. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/197476>

CHIDIAC, Maria Teresa Vargas; OLTRAMARI, Leandro Castro. Ser e estar drag queen: um estudo sobre a configuração da identidade queer. **Estudos de Psicologia**, Natal, v.9, p.471- 478, 2004. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2004000300009>

CUNHA, Luiz Antônio. A luta pela ética no ensino fundamental: religiosa ou laica?. **Cadernos de Pesquisa**, [S.l.], v.39, p.401-419, 2009. Disponível: <https://www.scielo.br/j/cp/a/7ykvGyBkJYPY547CSGmBCc/?format=pdf&lang=pt>

DELGADO, Jaime Eduardo Barrientos *et al.* Identidad sexual en jóvenes gay del norte de Chile. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, Rio de Janeiro, p.118-139, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2016.23.05.a>

DESSUNTI, Elma Mathias *et al.* Convivendo com a diversidade sexual: relato de experiência. **Revista brasileira de Enfermagem**, [S.l.], v.61, p.385-389, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/4xVNtHh4DXK8GZJyNTVH48x/?lang=pt>

DUTTA, Urmitapa *et al.* From rhetorical “inclusion” toward decolonial futures: Building communities of resistance against structural violence. **American Journal of Community Psychology**, [S.l.], 2021. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/34743345/>

FERNÁNDEZ, Jesica Siham *et al.* Dissident women's letter writing as decolonial plurilogues of relational solidarities for epistemic justice. **American Journal of Community Psychology**, [S.l.:s.n.], 2021. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/34816446/>

GREEN, Donald P. *et al.* Measuring gay populations and antigay hate crime. **Social Science Quarterly**, [S.l.], v.82, n.2, p.281-296, 2001. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/42955720>

HARDIN, Kimeron N. **Auto-estima para homossexuais: um guia para o amor-próprio**. São Paulo: Edicoes GLS, 2000.

MACHADO, Maria das Dores Campos. Discursos pentecostais em torno do aborto e da homossexualidade na sociedade brasileira. **Revista Cultura & Religião**, [S.l.], v.7, n.2, p.48-68, 2013. DOI: <https://doi.org/10.61303/07184727.v7i2.387>

MALDONADO-TORRES, Nelson. Transdisciplinaridade e decolonialidade. **Sociedade e estado**, [S.l.], v.31, p.75-97, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-69922016000100005>

NASCIMENTO, Márcio Alessandro Neman do. Homofobia e homofobia interiorizada: produções subjetivas de controle heteronormativo? Athenea Digital. **Revista de pensamiento e investigación social** [S.l.], n.17, p.227-239, 2010. DOI: <https://atheneadigital.net/article/view/n17-nascimento>

NATIVIDADE, Marcelo Tavares. Cantar e dançar para Jesus: sexualidade, gênero e religião nas igrejas inclusivas pentecostais. **Religião & Sociedade**, [S.l.], v.37, p.15-33, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/0100-85872017v37n1cap01>

OLIVEIRA, João Felipe Zini Cavalcante de; PORTO, Tauane Caldeira. A transfobia e a negação de direitos sociais: A luta de travestis e transexuais pelo acesso à educação. *In: Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião, 2016. Anais [...]. São Leopoldo, RS: Faculdades EST, 2016. Disponível em: <http://anais.est.edu.br/index.php/genero/article/view/649>*

OLIVEIRA, Sayonara Amaral de; SOARES, Mayana Rocha. Literatura gay: manual para se tornar um homossexual respeitável. **Humanidades & Inovação**, [S.l.], v.4, n.6, 2017. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/473>

ORTIZ-HERNÁNDEZ, Luis. Influencia de la opresión internalizada sobre la salud mental de bisexuales, lesbianas y homosexuales de la Ciudad de México. **Salud mental**, [S.l.], v.28, n.4, p.49-65, 2005. DOI: <https://www.redalyc.org/pdf/582/58242806.pdf>

PAVELTCHUK, Fernanda Oliveira de; BORSA, Juliane Callegaro. Homofobia internalizada, conectividade comunitária e saúde mental em uma amostra de indivíduos LGB brasileiros. **Avances en Psicología Latinoamericana**, [S.l.], v.37, n.1, p. 7-61, 2019. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/799/79957990005/html/>

PAVÓN-CUÉLLAR, David. Rumo a uma descolonização da psicologia latino-americana: condição pós-colonial, virada decolonial e luta anticolonial. **Brazilian Journal of Latin American Studies**, [S.l.], v.20, n.39, p.95-127, 2021. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2021.182217>

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. Etnografia: saberes e práticas. **Illuminuras**: série de publicações eletrônicas do Banco de Imagens e Efeitos Visuais, LAS, PPGAS, IFCH e ILEA, UFRGS. Porto Alegre, RS, v. 9, n.21, p.2008, 2008. DOI: <https://doi.org/10.22456/1984-1191.9301>

ROSA, Jéssica Moraes. *et al.* A construção dos papéis parentais em casais homoafetivos adotantes. **Psicologia: ciência e profissão**, [S.l.], v.36, p.210-223, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-3703001132014>

SANTOS, Boaventura de Sousa. **O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: UFMG, 2010.

VERSIANI, Daniela Beccaccia. Autoetnografia: uma alternativa conceitual. **Letras de hoje**, [S.l.], v.37, n.4, 2002. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/fale/article/view/14258>

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. A questão do meio na psicologia. **Psicologia USP**, São Paulo v.21, n.4, p.681-701, 2010.

YIN, Robert K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Porto Alegre: Penso Editora, 2016. ●

Como citar este artigo (Formato ABNT):

OLIVEIRA NETO, José da Silva. Como nasce uma rainha? Notas autoetnográficas de um Processo de Subjetivação frente à Homofobia internalizada. **Id on Line Rev. Psic.**, Outubro/2024, vol.18, n.73, p. 193-211, ISSN: 1981-1179.

Recebido: 19/09/2024; Aceito 27/09/2024; Publicado em: 31/10/2024.